

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Nathalia Quadros Teixeira

**PERCEPÇÕES ACERCA DA LINGUAGEM CORPORAL DE CRIANÇAS
NÃO-VERBAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Porto Alegre - RS

2024

Nathalia Quadros Teixeira

**PERCEPÇÕES ACERCA DA LINGUAGEM CORPORAL DE CRIANÇAS
NÃO-VERBAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eunice Aita Isaia
Kindel

Porto Alegre - RS

2024

Dedico este trabalho a todas as professoras que se preocupam em proporcionar uma educação verdadeiramente inclusiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui e por sempre abençoar meus caminhos.

As minhas amigas Luísa Barbosa e Nila Fick que estão comigo desde a primeira semana de aulas da graduação, amo vocês.

A Faculdade de Educação - FACED e todos os professores(as) que conheci durante o curso. Muito obrigada por terem me ajudado a me tornar a professora que sou hoje.

Ao Bar do Antônio por ter me recebido e me atendido tão bem em todos esses anos e pelas minhas tão necessárias “energias”.

A minha querida orientadora Eunice Aita Isaia Kindel, primeiramente por ser essa professora excepcional que tu és, é um privilégio enorme passar pela graduação e te ter como professora. Privilégio maior ainda é ter você como orientadora, muito obrigada por toda dedicação que teve pelo meu trabalho e principalmente por ser essa pessoa tão acolhedora e afetiva que tu és, nunca me esquecerei de você.

A minha banca maravilhosa Isabela Dutra Correa da Silva e Luciane Bresciani Lopes vocês são minha referência em educação. Isa, sou muito grata por tudo que aprendi com você, quero que saibas que um pouco de você sempre estará no meu ser professora. Lu, não tenho palavras pra descrever o quanto sou feliz por ter tido você como orientadora do estágio de docência em educação especial. Aprendi muito com você.

Obrigada Margarida, por ter me ensinado tanto a te entender, você marcou minha trajetória docente.

“Para alguém querer falar, e/ou tentar se expressar, é necessário ter outro alguém com interesse em escutar, e principalmente, disponível a querer compreender.”
(Dinara Granetto e Maria C. Pickodt (2022))

RESUMO

O presente trabalho, de cunho qualitativo, tem por objetivo geral identificar quais são as percepções docentes acerca da linguagem corporal das crianças não-verbais na Educação Infantil e como objetivo específico compreender a experiência das estudantes de pedagogia da UFRGS na Educação Infantil, em especial com crianças não-verbais e constatar se existe diferença positiva ou negativa na interação da criança conforme entendimento da professora para com sua linguagem. Para tanto, apresenta uma revisão bibliográfica dividida em três categorias básicas, sendo elas: 1) As comunicações não-verbais, que aborda o conceito de comunicação não-verbal e a importância do entendimento desta linguagem em diferentes contextos mas principalmente na educação. 2) As crianças não-verbais, apresentando o conceito de criança não-verbal e suas principais características e 3) Observando a comunicação não-verbal, que aborda de que forma as professoras podem acolher as tentativas de comunicação das crianças e quais os impactos desta para o desenvolvimento geral das crianças dentro e fora da sala de aula. Para além da pesquisa bibliográfica, apresento o questionário aplicado às alunas de Pedagogia pelo grupo oficial de WhatsApp das estudantes. A pesquisa visa compreender a experiência das estudantes na Educação Infantil, em especial com crianças não-verbais. A análise de dados possibilitou a identificação das dificuldades enfrentadas pelas professoras para se comunicar com essas crianças. A maioria das estudantes manifesta a falta de formação na área, tanto no curso de Pedagogia, quanto em oferta de cursos na pós-graduação, ocasionando uma maior dificuldade das crianças não-verbais de se comunicar e por consequência, de se desenvolver cognitivamente.

Palavras-chave: Crianças não-verbais; Comunicação; Educação Infantil.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 11 |
| 2.1 AS COMUNICAÇÕES NÃO-VERBAIS..... | 11 |
| 2.2 AS CRIANÇAS NÃO-VERBAIS..... | 12 |
| 2.3 OBSERVANDO A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL..... | 13 |
| 3 PERCURSOS METODOLÓGICOS..... | 15 |
| 4 RESULTADOS E ANÁLISES..... | 17 |
| 5 DISCUSSÃO..... | 37 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |
| 7 REFERÊNCIAS..... | 41 |

1 INTRODUÇÃO

A comunicação exclusivamente não-verbal se caracteriza pela dificuldade, atraso ou ausência da fala e se dá por meio de gestos, expressão facial e comunicação por meio do corpo. Quando se pesquisa sobre essa característica na primeira infância, geralmente é associada à deficiência auditiva ou ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Pedroso & Rotta (2006, p.141) as alterações da linguagem podem estar em

(...) concomitância de outros problemas do desenvolvimento, entre eles paralisia cerebral, transtorno da atenção, da memória ou do afeto. Síndromes que podem cursar com alterações de linguagem, como Síndrome de Down, de Williams, distrofia muscular progressiva de Duchenne, hidrocefalias, neurofibromatose, psicopatias, costumam se constituir em fatores de risco. Um ambiente familiar conturbado, sem condições de dar suporte adequado, pode também interferir no desenvolvimento da linguagem.

Ou seja, a comunicação não-verbal pode estar ou não associada a um diagnóstico definido. Tendo isso em mente, esse trabalho não se detém a um diagnóstico específico ou aos aspectos mais relacionados às condições de saúde, pois nele busco trazer a realidade vivenciada em sala de aula na Educação Infantil, tratando-se assim de crianças não-verbais e suas estratégias de comunicação em espaço escolar.

Desse modo, este estudo tem como intuito responder à seguinte pergunta: como as professoras¹ (estudantes de pedagogia da UFRGS exercendo a docência²) percebem as estratégias de comunicação corporal de crianças não-verbais na Educação Infantil e quais suas consequências no engajamento em sala de aula?

Enquanto educadora auxiliar na Educação Infantil em uma escola da rede de ensino privada de Porto Alegre, por ter experienciado o trabalho com uma turma onde tínhamos duas crianças não-verbais com idade entre 3 e 4 anos, fiquei instigada a entender como as docentes lidam com a comunicação corporal/gestual e como isso impacta no comportamento da criança.

¹ Devido ao fato de que no campo da Educação e especificamente na Educação Infantil a maior parte da equipe docente ser composta por mulheres, neste trabalho irei utilizar a nomenclatura feminina ao me referir a profissionais da Educação. Ademais, mesmo que não fossem em maioria mulheres, mostra-se cada vez mais importante, especialmente em trabalhos acadêmicos, o uso de uma linguagem não sexista (RIO GRANDE DO SUL. Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende. Porto Alegre: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014).

² Sempre que eu mencionar professoras, docentes e afins sem especificar que seja a professora regente, estarei me referindo a essas estudantes.

Em um primeiro momento eu pensei em pesquisar sobre a comunicação das crianças não-verbais com enfoque na criança e sua comunicação. Mas com as minhas vivências com essa turma e especificamente com a presença das duas crianças não-verbais (aqui vou nomeá-las como Margarida e Girassol³), me dei conta de que a postura e a capacidade de entendimento das educadoras para com essas crianças são muito importantes para se obter resultados positivos ou negativos em seu envolvimento na rotina em sala de aula.

Durante minhas vivências com o Girassol e a Margarida, pude ver situações lindas que vão ao encontro do que busco neste trabalho. A fim de contextualizar um pouco, eu iniciei meu trabalho com essa turma em específico no segundo semestre do ano de 2023 mas nesse início de percurso com as crianças eu não notei movimentos da parte docente de tentar entender o que o Girassol e a Margarida queriam ou estavam precisando: mesmo em momentos de brincar livre eles ficavam somente ali, sem interação com seus pares.

Girassol, por exemplo, “fugindo da sala” – o que mais tarde descobri que foi a maneira que ele encontrou de dizer que queria ou precisava fazer ou ter alguma coisa de fora da sala – e Margarida tentando nos levar ou indo sozinha até o armário (o das professoras) e não conseguindo ver ou chegar no que desejava pois ou alguém fechava o armário quando ela abria ou não acompanhava ela nas tentativas que fazia de pegar o que queria – já que mais tarde descobri que o que ela buscava no armário era um jogo da memória que gostava. Uma vez, em uma das tentativas que fez de carregar uma das professoras até o armário sem que essa entendesse o que ela queria e sem reagir ao chamado dela, eu falei para a docente: *“Olha, acho que a Margarida quer te levar até o armário para você pegar o jogo da memória pra ela”*. Em resposta a isso, Margarida começou a bater palmas, dizendo à sua maneira que era exatamente essa sua intenção, conseguindo então alcançar seu objetivo. E foi esta comunicação não-verbal, contundente e gestual (bater palmas) uma das inspirações para este estudo.

Depois de um tempo fazendo esse trabalho de interpretação – nada fácil por sinal já que estamos falando de um contexto onde existem outras várias crianças pequenas para “dar conta” – pude notar uma melhora significativa na interação do Girassol e da Margarida em vários aspectos do cotidiano em sala de aula, só no conseguir ou pelo menos tentar interpretar suas linguagens.

³ Por questões éticas optei por utilizar nomes de flores a fim de preservar suas identidades.

Outro ponto que se mostra importante para a existência desse estudo vem pelo reconhecimento cada vez maior de diversos distúrbios de aprendizagem e de desenvolvimento em nossa sociedade o que torna frequente o acolhimento de crianças incluídas nas escolas. Tendo o atraso de fala como uma característica comum da primeira infância dessas crianças, esse estudo se mostra essencial para identificar de que forma o entendimento docente da linguagem dessas crianças pode favorecer a interação em sala de aula.

A partir dessa percepção e procurando entender como a relação professora-estudantes impacta nessa realidade em específico, optei por modificar o foco da pesquisa tendo como objetivo geral a percepção docente acerca da linguagem corporal das crianças não verbais na Educação Infantil e como objetivo específico compreender a experiência das estudantes de pedagogia da UFRGS na Educação Infantil, em especial com crianças não-verbais e constatar se existe diferença positiva ou negativa na interação da criança conforme entendimento da professora para com sua linguagem própria.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, apresento os referenciais que embasam este trabalho. Começo abordando o conceito de comunicação não-verbal e a importância do entendimento desta linguagem em diferentes contextos mas principalmente no campo da Educação. Logo depois, apresento o conceito de criança não-verbal e suas principais características. Em seguida, refiro de que forma as professoras podem acolher as tentativas de comunicação das crianças e quais os impactos desta ação para o desenvolvimento geral das crianças dentro e fora da sala de aula.

2.1 AS COMUNICAÇÕES NÃO-VERBAIS

As comunicações não-verbais são todas as formas de comunicação que ocorrem em concomitância ou sem o uso da linguagem verbal. Para Corraze,

o termo comunicações não-verbais é aplicado a gestos, a posturas, a orientações do corpo, a singularidades somáticas, naturais ou artificiais, e até a organização de objetos, a relação de distâncias entre os indivíduos, graças aos quais uma informação é emitida. (CORRAZE, 1982, p.14)

A linguagem não-verbal se origina nos primórdios da história humana onde teve um papel fundamental na sobrevivência dos nossos ancestrais ao se utilizarem de gestos, expressões faciais e posteriormente desenhos que hoje conhecemos como pinturas rupestres para sinalizar perigos, emoções, ensinamentos e para estabelecer conexões entre as pessoas. É a partir da evolução humana que foram feitos aprimoramentos nas formas de se comunicar até chegarmos na linguagem oral e nos meios de comunicação que temos hoje em dia.

Esta definição não está restrita aos seres humanos já que diversos tipos de seres vivos desenvolvem formas de se comunicar entre seus pares. O exemplo mais comum que temos é na comunicação complexa das abelhas que representa um dos sistemas mais bem elaborados do reino animal.

Na sociedade contemporânea a comunicação não-verbal é comum no dia-a-dia das pessoas, já que nos comunicamos a todo o momento utilizando nosso corpo, na maioria das vezes, de forma inconsciente. Segundo Corraze “*Em primeiro lugar, comunicamos contra nossa vontade, tendo muito pouca consciência dos gestos que utilizamos, e, em segundo lugar, nem sempre escolhemos os meios de fazê-lo*” (1982, p.15). Desse modo, podemos perceber que a comunicação verbal (oral) nunca é feita sozinha e é muito importante prestarmos atenção no que o corpo fala. Atualmente é muito comum encontrarmos, principalmente nas redes sociais, pessoas ensinando como podemos interpretar comportamentos como por exemplo, identificar quando uma pessoa está mentindo a partir de “sinais”. Seguindo essa linha, Mesquita afirma que

Conhecimentos teóricos sobre a comunicação não-verbal, bem como a habilidade de emitir ou receber sinais não-verbais, podem estar intimamente relacionados à atuação profissional do indivíduo na sociedade. Estas habilidades associadas ao conhecimento de assuntos da área de comunicação não-verbal são importantes para o desenvolvimento da competência social dos indivíduos, quer na sua atuação profissional, quer na sua vida diária. (MESQUITA, 1997, p.160)

Para a autora, profissionais como médicas/os, psicólogos/as e professores/as de Educação Física precisam ter um domínio maior na interpretação da comunicação não-verbal para ter uma atuação eficiente, principalmente se interagem com o público infantil que ainda não tem sua linguagem oral completamente desenvolvida ou com pessoas que, em função de alguma patologia, apresentam limitações cognitivas.

Na Educação, essa aptidão se mostra fundamental por parte das professoras, principalmente na Educação Infantil, pois mesmo para as crianças falantes, a comunicação corporal acaba por expressar muito mais do que a fala.

2.2 AS CRIANÇAS NÃO-VERBAIS

As crianças não-verbais são aquelas que ainda não desenvolveram completamente a habilidade de falar, que têm dificuldades na linguagem oral ou que apresentam condições como o autismo ou a surdez, por exemplo.

Para Vigotski (2008) a linguagem tem extrema importância no desenvolvimento cognitivo e desempenha um papel fundamental na formação do pensamento. As crianças não-verbais normalmente utilizam formas alternativas de comunicação e é a partir dessa comunicação que elas expressam seus pensamentos e necessidades que muitas vezes acabam por não serem devidamente interpretadas pelos adultos ao seu redor. Levando em consideração esses conceitos de Vigotski, podemos considerar que as consequências da comunicação exclusivamente não-verbal nas crianças devem ultrapassar as dificuldades comunicativas e atingir todas as áreas do desenvolvimento infantil. Esta percepção traz à tona uma preocupação maior em socializar estudos a fim de capacitar melhor as pessoas acerca da comunicação dessas crianças. Para os surdos, o problema é ainda maior:

Em todo o Brasil, mesmo nas grandes capitais como no Rio de Janeiro, grande parte das crianças surdas cresce sem dominar a Libras, pois são raras as escolas e os centros de terapia que utilizam esta língua". (...) O que é ainda mais grave é que mesmo os surdos que recebem tratamento especializado sofrem sérias dificuldades na escolarização, na socialização e na fase adulta, no mercado de trabalho. (GOLDFELD, 2002, p.15)

2.3 OBSERVANDO A COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL

Sabemos que no dia-a-dia em sala de aula, principalmente na Educação Infantil, a tarefa de interpretar as comunicações corporais das crianças é extremamente difícil dependendo do contexto, pois demanda conhecimentos prévios sobre a criança, o quanto ela consegue tentar se expressar, o olhar atento da parte docente que muitas vezes pode estar direcionado à outras situações do cotidiano escolar. Mas é de extrema importância, pelo menos tratando-se das crianças não-verbais, que se tenha uma observação mais cuidadosa para com suas estratégias de comunicação, pois são essas estratégias que vão ajudar essas crianças a tentar se comunicar, expressar seus desejos e necessidades e com isso se desenvolver cognitivamente.

Para além da interpretação, as crianças precisam de estímulos e repertório de comunicação advindas principalmente das professoras, da família e, se houver, de outros profissionais dedicados ao desenvolvimento da criança, como por exemplo, fonoaudiólogo/a. Para as professoras, existem alguns manejos simples que podem

facilitar o desenvolvimento comunicativo das crianças, um exemplo é falar com a criança, mesmo que ela não consiga corresponder.

Observa-se que muitos adultos possuem uma tendência a diminuir a comunicação ao não serem correspondidos, mas é nesse momento que não se deve parar, “falar por dois” é vital para crianças com distúrbio de linguagem, da mesma forma que dar pausas e fazer silêncio para que a criança possa ser desafiada a entrar na conversa e responder da maneira que lhe for possível. Isso também tem um papel importante. (GRANETTO; PICKODT, 2022, p.116)

As crianças não-verbais, assim como qualquer outra, demonstram interesse em se comunicar. Elas desenvolvem inúmeras estratégias de comunicação que em sua maioria são desconsideradas pelos adultos. Por incrível que pareça, não é difícil, na grande maioria das vezes, identificar as tentativas de comunicação das crianças, podem ser elas: apontar para algum objeto de interesse, pegar a mão do adulto para tentar levá-lo a algum lugar ou coisa, cutucar pra sinalizar que precisa de ajuda, entre outros. O difícil mesmo é aceitar que as crianças que não falam verbalmente tem a capacidade e podem de forma bem efetiva se comunicar intencionalmente, pois não falar é diferente de não entender e esses dois conceitos são muitas vezes confundidos em sala de aula.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Enquanto pesquisadora que vive a docência com crianças não-verbais e que carrega uma bagagem de experiência no assunto, concordo com Gerhardt e Silveira quando afirmam que *“Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas”* (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32).

O presente trabalho teve como objetivo a percepção docente acerca da linguagem corporal das crianças não-verbais na Educação Infantil seguindo pressupostos da pesquisa qualitativa uma vez que essa apresenta como características: um olhar interpretativo, uma possibilidade de ir sendo construída à medida que o/a pesquisador/a vai observando dados, impressões, percepções sobre determinado evento, acontecimento ou processo em seu "cenário" natural (uma sala de aula, por exemplo). Interessa, no âmbito da pesquisa qualitativa, buscar os significados que são atribuídos sobre o foco ou a temática da pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

De acordo com o objetivo geral deste trabalho, esta pesquisa se classifica como exploratória, pois de acordo com Gil (2002, p.41) *“Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”*. Foi adotada como estratégia de pesquisa o estudo de caso, pois segundo Martins e Theóphilo (2009)

[...] seu objetivo é o estudo de uma unidade social que se analisa profunda e intensamente. Trata-se de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real (pesquisa naturalística), onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, buscando apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto (p.61).

Como método de coleta de dados, inicialmente, foram pensadas as entrevistas por terem *“caráter de interação, criando uma relação recíproca entre quem pergunta e quem responde, permitindo a captação imediata e corrente das informações”* (ANA; LEMOS, 2018, p.537). Nas entrevistas semiestruturadas

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.72).

As entrevistas foram substituídas por um questionário pela rapidez na obtenção das respostas e pelo período de complexidade político-ambiental vivido na cidade sede da UFRGS - Porto Alegre, na cidade onde resido e em muitas outras do RS (entre os meses de maio e junho de 2024, período em que seriam realizadas as entrevistas, o estado do Rio Grande do Sul sofreu um período de calamidade pública, com enchentes que levaram muitas pessoas a terem que ser evacuadas de suas casas, a mortes e inúmeras perdas materiais. Transporte público e outros serviços básicos foram intensamente afetados exigindo que muitas escolas, universidades, comércio e outros estabelecimentos públicos e privados precisassem suspender suas atividades. A UFRGS ficou por dois meses com as atividades acadêmicas suspensas só retornando no início de julho de 2024). O questionário é uma ferramenta essencial em pesquisas para obter informações de forma estruturada diretamente dos participantes (MELO; BIANCHI, 2015).

A construção do questionário foi planejada de forma a garantir clareza, relevância e coerência nas perguntas, a fim de minimizar ambiguidades e facilitar a interpretação dos dados coletados. Consideraram-se também aspectos como o perfil dos/as respondentes e a adequação dos tipos de perguntas, de modo a assegurar a validade e a confiabilidade das informações obtidas.

Este questionário foi elaborado na plataforma Google Forms e enviado ao grupo geral de estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS instruído para ser respondido por pessoas que atuam ou já atuaram com turmas de Educação infantil onde poderia haver uma ou mais crianças não-verbais⁴. Responderam esse questionário 12 estudantes e algumas das perguntas mais específicas, como as experiências e situações poderiam ser respondidas com mais de uma resposta.

Para a Análise dos dados foi utilizada a ferramenta de categorização das respostas após o levantamento dos questionários a fim de identificar o perfil das crianças que foram mencionadas pelas respondentes e as possíveis posturas das professoras para com essas crianças, bem como as dificuldades que apresentam para identificar as necessidades das crianças e as possíveis consequências no desenvolvimento das mesmas.

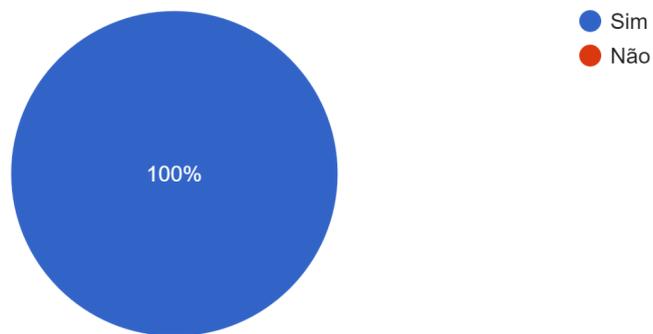
⁴ Aqui serão consideradas crianças que por algum motivo específico não falam oralmente, falam pouco ou tem alguma dificuldade na fala. Incluem-se crianças tímidas, para as quais a dificuldade de comunicação provém de fatores emocionais ou da própria personalidade.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

A seguir, apresento as perguntas do questionário já com as respostas tabuladas e, na sequência, faço a inclusão de análises sobre cada uma delas.

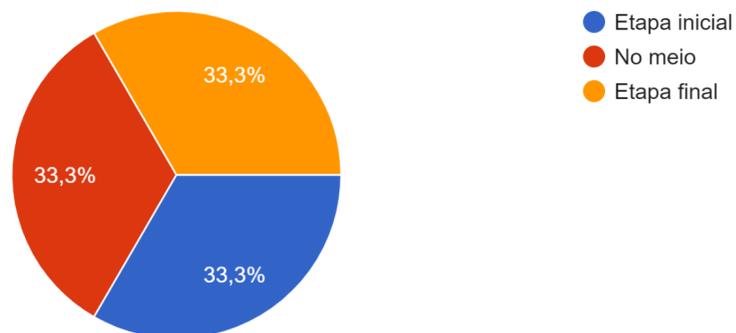
Você é estudante de Pedagogia da UFRGS?

12 respostas



Em qual etapa aproximadamente você está no curso?

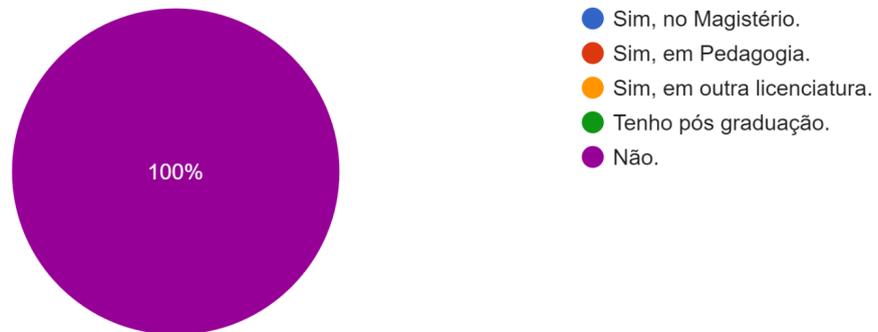
12 respostas



As entrevistadas se dividem nas várias etapas do curso. Isso é interessante porque esta diversidade dentro do curso possibilita que as respostas abranjam um universo maior de situações docentes.

Você já tem formação?

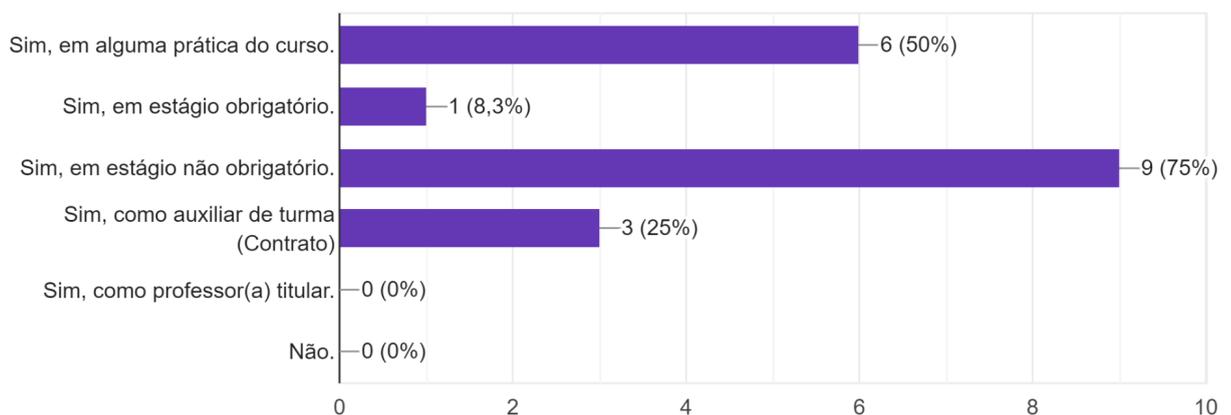
12 respostas



O que se observa dessas respostas é que nenhuma das entrevistadas já é professora formada nem em nível de Ensino Médio (Magistério) nem em nível de Ensino Superior.

Você já teve algum tipo de experiência com a Educação Infantil?

12 respostas

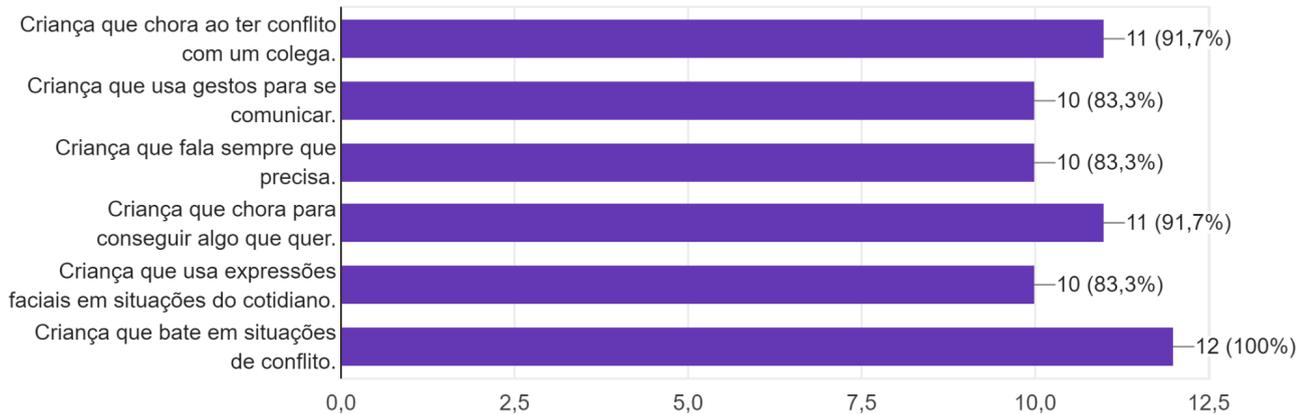


O que chama a atenção é que 75% das entrevistadas têm experiência em estágio não obrigatório, ou seja, por mais que ainda não estejam formadas, a maioria já trabalha em escolas, atuando diretamente nas salas de aula da EI em

acompanhamento ao trabalho da professora titular. Deste modo, convivem cotidianamente com a realidade das crianças deste nível educacional.

Nas turmas em que atuou, presenciou alguma destas situações?

12 respostas



A maior parte das situações se repetem com frequência. O que significa que crianças não-verbais provavelmente estão presentes nessas situações.

A partir da próxima questão, distribuo as respostas em categorias que possibilitam agrupamentos que podem ser interpretados como semelhanças no modo de responder. Para essa questão as categorias criadas foram: 1) Protagonismo da Fala e 2) Diversidade de formas de comunicação. O que se observa ao olhar as respostas organizadas em categorias é que predomina a Fala como “sinônimo” de comunicação, o que denota uma visão reducionista do processo de comunicação (especialmente das crianças).

Que formas de comunicação você acha que uma criança pequena (4-6 anos) pode ter?

Categoria de análise 1 - Protagonismo da Fala

Fala, expressão facial e corporal, choro.

Além da fala, gestos, expressões faciais, choro, desenho...

Verbal e vocalmente e através de brincadeiras e atividades

Verbal, através de gestos, do olhar

Pela fala principalmente, mas também nos gestos corporais e nas brincadeiras

Verbal (palavras ou sons), gestual (com o corpo ou as mãos), facial (expressões faciais, contato visual, etc) e artística

Comunicação verbal e não-verbal tbm

Diversas, mas nessa idade a principal é a fala

Comunicação verbal, gestual/corporal, choro, expressões faciais, desenho...

Categoria de análise 2 - Diversidade de formas de comunicação

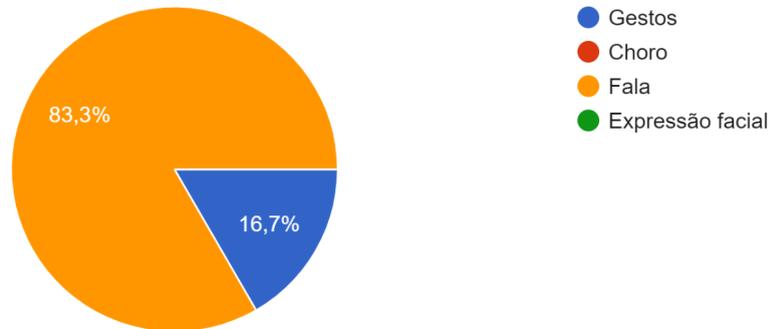
gestos, fala, choro, comportamental, se afastando etc

Choro, fala, expressões faciais, vocalizações verbais, comportamentos e sinalização gestuais.

Na minha visão, crianças usam qualquer coisa para se comunicar, como por exemplo desenhos, brincadeiras, falas, tudo.

Qual destas formas de comunicação você considera a mais efetiva?

12 respostas



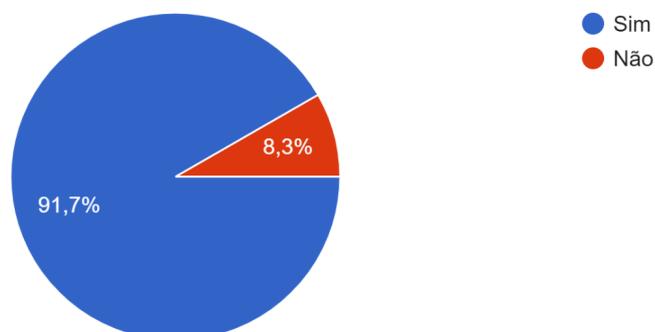
Embora na resposta anterior as entrevistadas tenham listado diversas formas de se comunicar, a maioria marcou fala como forma mais efetiva o que reforça o protagonismo da fala apontado na Categoria 1 da questão anterior. Não significa que as diversas formas de comunicação sejam desconsideradas, mas que a comunicação é muito associada ao ato de "falar".

O texto, a seguir, foi apresentado no questionário antes da questão sobre a possível experiência das professoras com crianças não-verbais em sala de aula.

A comunicação exclusivamente não-verbal se caracteriza pela dificuldade, atraso ou ausência da fala e se dá por meio de gestos, expressão facial e comunicação por meio do corpo. Trata-se de uma comunicação que não tem a fala como forma principal.

Você já teve experiência na Educação Infantil com crianças que falam pouco ou não falam?

12 respostas



91% das entrevistadas se deparam todos os dias com crianças não-verbais. Essas crianças ocupam o espaço da sala de aula, não são exceção. Isso reforça a necessidade de se conhecer mais sobre as questões da comunicação infantil, uma vez que muitas crianças não-verbais podem estar sendo, de alguma forma, negligenciadas ou pouco atendidas em suas necessidades na escola.

A partir deste ponto do questionário, minha intenção foi a de possibilitar que as entrevistadas pudessem relatar de maneira mais detalhada suas experiências em sala de aula com as crianças não-verbais. Igualmente, aqui, organizei as respostas em categorias, quais sejam: 1) Pouco conhecimento sobre a comunicação das crianças não-verbais; 2) Incompreensões/dificuldades sobre motivos da comunicação não-verbal e “tentativa e erro” ou criação de estratégias possíveis; 3) Crianças dentro do Espectro autista ou com alguma síndrome e 4) Pouca ou nenhuma experiência vivida com crianças não-verbais.

Conte um pouco sobre as experiências com essas crianças

Categoria de análise 1 - Pouco conhecimento sobre a comunicação das crianças não-verbais

A professora titular não conseguia compreender a criança. As monitoras, que estavam ali para estar apenas com ela, a entendiam melhor. A profe

tinha que dar conta de todas as outras crianças. Apenas com o tempo foi possível entender a forma de comunicação da criança.

Este relato é bem importante por retratar a realidade de diversas salas de aula, onde a professora regente tem que “dar conta de todas as outras crianças” enquanto existem monitoras que podem dedicar atenção exclusiva às crianças com necessidades específicas. É possível observar também que a menção de que “apenas com o tempo foi possível entender a forma de comunicação da criança” é um reflexo positivo do aprendizado e adaptação da professora e monitoras. Isso aponta para a importância de um processo contínuo de observação e construção de vínculos, que demanda paciência e abertura.

Categoria de análise 2 - Incompreensões/dificuldades sobre motivos da comunicação não-verbal e “tentativa e erro” ou criação de estratégias possíveis

Tinha uma aluna que falava o essencial a maior parte do tempo calada. Descobrimos com a ajuda da psicopedagoga que a criança em si sofre de depressão.

Minha principal experiência com uma criança não-verbal foi como monitora de inclusão desta criança. A comunicação dela se dava, principalmente, mostrando as coisas que queria, como brinquedos para sinalizar que queria brincar ou pegar a bolsinha de higiene quando precisava trocar a fralda. Ela também utilizava das expressões faciais e corporais para mostrar aprovação ou desaprovação. Para me comunicar com ela, eu fazia uso da comunicação verbal (a qual ela compreendia bem), bem como mostrar objetos que tivessem significado (como a bolsinha de higiene), além das expressões faciais e corporais.

No início foi um pouco mais difícil porque foi uma novidade para mim como estagiária na educação infantil, mas ao longo do tempo eu fui entendendo mais a criança por causa da convivência. Comecei a testar outras formas de

me comunicar com ela e aí eu fui entendendo que os gestos, as expressões faciais e que tentar nomear o que ela tá querendo me dizer foram manejos que começaram a facilitar a comunicação com a criança, tanto para ela quanto para mim.

minha aluna é não-verbal e se comunica principalmente através do choro, de gestos e às vezes tapas

É um pouco mais complicado, pois normalmente as crianças pequenas não conseguem se expressar tão bem (muitas vezes, nem nós adultos conseguimos, imagina uma criança), e para uma criança que fala pouco ou não fala, os responsáveis na sala de aula precisa estar mais atenta aos sinais demonstrados, seja brincando, desenhando, gesticulando ou até nas expressões faciais

Trabalhei em uma turma com duas crianças que falavam pouquíssimo. Uma delas, embora falasse pouco, respondia verbal ou gestualmente a quase tudo que lhe era falado. A outra, nem sempre correspondia às tentativas de comunicação e, além disso, tinha ecolalia - por vezes falava, mas sem a intenção de comunicar algo a outra pessoa. Ambas raramente comunicavam diretamente suas necessidades e sentimentos, de forma que foi preciso conhecê-las muito bem e aprender a interpretar seus sinais não verbais para saber como acolhê-las no espaço escolar e como se comunicar com elas de forma efetiva.

Atualmente trabalho com crianças de 3-4 anos, e tenho um aluno que fala muito pouco diretamente com as crianças ou adultos, mas nas brincadeiras consegue falar bastante e até contar histórias. No momento de conversar ou comunicar a alguma necessidade, ele esconde o rosto com as mãos e sente bastante dificuldade pra se expressar, e fala palavras e frases curtas.

Com base nesses relatos, é possível destacar diversos pontos em comum, como por exemplo: Diversas estratégias de comunicação não-verbal utilizadas pelas crianças (Mostrar objetos para sinalizar desejos, uso de choro, gestos e até tapas

como formas de comunicação emocional); O despreparo inicial para lidar com crianças não-verbais por parte de professoras e monitoras – que segundo relatado, foram sendo superados por meio do tempo de convívio, construção de vínculos, paciência, observação constante e experimentação de diferentes estratégias de comunicação.

A inclusão vai além de garantir a presença da criança no espaço escolar, requer um olhar atento às necessidades únicas de cada aluno. Isso inclui adaptações no planejamento pedagógico e estratégias individualizadas. O impacto de fatores emocionais e psicológicos, como o caso da criança diagnosticada com depressão, destaca a importância de compreender o estado emocional e o histórico individual da criança para adaptar o suporte pedagógico. Além disso, o ambiente lúdico, como brincadeiras, mostrou-se uma oportunidade importante para incentivar a comunicação em crianças que apresentam dificuldades em situações formais. Isso destaca a necessidade de usar atividades informais como estratégias pedagógicas.

Categoria de análise 3 - Crianças dentro do Espectro autista ou com alguma síndrome

Criança autista suporte 3 que só pegava nossa mão pra mostrar o que queria, apontava, chorava

Era uma menina de 2 anos que tem síndrome de down e não-verbalizava, utilizava os gestos para se comunicar. Aos poucos começamos a criar uma comunicação pelo olhar que quando ela queria algo piscava duas vezes.

Categoria de análise 4 - Pouca ou nenhuma experiência vivida com crianças não-verbais

Experiência mínima em semana de observação

Não tive essa experiência.

Como, de forma geral, você percebe que as(os) professoras(es) e educadoras(es) lidam com as crianças que não usam a fala como seu principal modo de comunicação?

No geral, as professoras e educadoras não sabem lidar porque falta formação nesse sentido.

*na minha experiência, simplesmente ignorando e excluindo das atividades
Lidam mal pois querem forçar o desenvolvimento da fala .*

De forma negligenciada, principalmente trabalhando em escola especial, não procuram entender essa criança e chamam os pais

Tive contato com professoras sobrecarregadas e exaustas. Infelizmente presenciei falta de conduta ética e profissional com as crianças. Gritos, puxões e violência emocional.

Dentro da minha experiência, muitos educadores pareciam ficar "sem jeito" ao se comunicar com essas crianças, como se, pela ausência da verbalização, não fosse possível estabelecer um contato significativo, além da infantilização excessiva destas crianças.

Até hoje, o que eu vivenciei foi que a maioria dos profissionais de educação não tem muitas habilidades para conviver com crianças que não usam a fala como principal modo de comunicação, tanto por falta de convivência com crianças que não possuem a fala como a comunicação principal como por falta de formação.

De modo geral vejo essas crianças bem desassistidas, minha aluna autista nível 3 de suporte não tem brinquedos adequados nem atividades adequadas que ela consiga realizar

Depende muito da escola e como cada um foi ensinado a lidar com isso. Já vi professoras e educadoras que lidavam muito bem e conseguiam conduzir

as diversas situações de uma forma bem tranquila, mas já vi professoras e educadoras não conseguirem lidar com isso.

Observo que isso depende do perfil da criança, especificamente de um fator: o quanto ela apresenta comportamentos que possam ser prejudiciais a ela ou ao andamento da aula. Quando a criança frequentemente se comporta de forma desviante (para os padrões escolares), percebo que há um esforço maior em tentar aprender a se comunicar com ela - em alguns casos, noto que os professores tendem a usar de autoritarismo, por acreditarem ser impossível dialogar com o aluno. Quando a criança não apresenta problemas comportamentais, por outro lado, percebo que podem acabar esquecidas pelos professores e colegas, sem que haja um esforço para sua inclusão e adaptação.

Tem muita dificuldade de se comunicar com as crianças e não tem uma preocupação em tentar construir estratégias para se comunicar de outra maneira com as crianças.

Na minha experiência as professoras lidam bem com a situação, conseguem entender as necessidades das crianças e raramente insistem na fala, mas sei que muitos adultos tendem a "forçar" a fala.

A maioria dos relatos aponta que falta formação específica para lidar com crianças não-verbais, tanto no aspecto técnico (estratégias e recursos) quanto no emocional (sensibilidade e empatia). Isso gera insegurança e dificuldade para estabelecer conexões e criar vínculos significativos com essas crianças.

É triste perceber que, em alguns casos, essas crianças são ignoradas ou excluídas das atividades. Isso revela não só a falta de preparo, mas também um ambiente que não prioriza a inclusão. O que pode gerar sentimentos de isolamento, tanto nas crianças quanto nas famílias.

Outro ponto que podemos observar com base nos relatos é o fato de que diversas educadoras acabam tendo como objetivo principal forçar a fala dessas crianças, o que, segundo estudos já vistos, prejudica o desenvolvimento cognitivo e

emocional dessas crianças. Essa prática pode ser frustrante e desmotivadora, tanto para as crianças quanto para as educadoras, além de desconsiderar métodos alternativos como gestos, expressões faciais ou sistemas alternativos de comunicação.

Os relatos trazem à tona a importância de criar uma cultura educacional inclusiva, onde as necessidades das crianças não-verbais sejam atendidas com respeito, cuidado e estratégias eficazes. Trabalhar com crianças não-verbais exige empatia, criatividade e dedicação, mas também oferece a chance de aprender com elas e valorizar diferentes formas de se expressar. Essa mudança exige um esforço coletivo, desde políticas públicas de formação docente até práticas cotidianas. As crianças não-verbais têm muito a dizer, mesmo sem palavras, e cabe às educadoras abrir os canais para ouvi-las e compreendê-las.

Até então já falamos sobre algumas formas de comunicação. Agora vou elencar algumas situações que gostaria que você comentasse como seria sua reação.

Criança que fala mas usa o choro como estratégia

Conversa para explicar que o choro não precisa ser uma estratégia de comunicação (salvo situações de emoção)

Acho normal pra criança, ainda tá bem entendendo os sentimentos

Bom a maneira mais coerente é o diálogo e ir explicando que o choro é num outro sentido.

Eu posso fazer isso por você, mas só quando parar de chorar

Acolheria e tentaria acalmá-la. Procuraria conversar com calma e explicar que preciso que ela me conte o que aconteceu para que eu possa entender e tentar ajudar.

Buscaria trabalhar com a criança a ideia de que, apesar de não haver problema em chorar, existem formas mais efetivas de se comunicar e mostrar o que quer.

Perguntaria para criança o que que tá causando esse choro, e então eu daria opções para ela por exemplo "tu tá chorando porque algum colega te machucou?" "aconteceu alguma coisa em casa?" "tu se machucou?" "tu não gostou de alguma coisa?" até ela conseguir comunicar para mim de alguma forma o que que tá causando esse choro.

Pediria calmamente para a criança respirar fundo para se auto regular e então sim ouvir sua queixa

Acolho a criança, pergunto se ela quer conversar ou não. Se a resposta for sim, solicito que a criança se acalme e respire pra eu poder entender o que está acontecendo e conseguir resolver. Caso a criança não queira conversar, pergunto se ela quer que eu fique com ela ou fique sozinha, e assim que ela se acalmar e quiser conversar para resolvermos a situação, eu fico a disposição. E ofereço água também

Acolher o choro, acalmar a criança e tentar compreender quais sentimentos estão por trás da reação, para encontrar a melhor forma de lidar com eles e solucionar problemas que sejam reparáveis.

Iria observar em quais situações a criança busca se comunicar com o choro e tentaria fazer mediações e incentivar a fala.

Em primeiro momento, acolho o choro e dou espaço para que a criança se sinta confiante para se expressar através da fala quando estiver pronta.

A maioria dos relatos reconhece o choro como algo natural, mas também enxerga a importância de ensinar à criança outras formas de se comunicar. Muitas mencionam acolher primeiro, ouvir com calma e, depois, ajudar a criança a compreender que pode expressar o que sente de maneiras diferentes, como com

palavras ou gestos. Outras destacam o papel do diálogo, sugerindo formas de ajudar a criança a identificar suas emoções e se autorregular. O choro, especialmente para crianças pequenas, é uma ferramenta importante para comunicar o que elas ainda não conseguem colocar em palavras. Ele não deve ser tratado como "errado", mas como uma oportunidade de ajudar a criança a se conectar com suas emoções e aprender a nomeá-las. Muitas educadoras já demonstram empatia e paciência, mas às vezes faltam recursos ou métodos mais estruturados para transformar o choro em aprendizado.

Criança que não fala e se comunica de outras formas

Cuidado e atenção para compreender o que a criança comunica

entender a melhor forma de se comunicar com a criança

Bom com o diálogo novamente e explicando com livros infantis que abordem o tema mostrando o exemplo dos outros colegas como que eles falam

conversar com pais/terapeutas sobre formas de comunicação com essa criança

Procuraria compreender os padrões de comunicação para entender o que ela se refere e reforçaria verbalmente. Ex. Criança fez um gesto pedindo água, aí iria reforçar verbalmente "Ah você quer água, isso?".

Adaptaria minha comunicação às formas de comunicação próprias daquela criança, criando uma troca significativa e aliada ao uso da linguagem verbal, incentivando o seu desenvolvimento.

Utilizaria os recursos presentes para poder me comunicar com a criança, priorizando sempre utilizar eles como suporte para comunicação, mas

também tentar conversar com ela enquanto eu estou utilizando esses recursos.

Aprenderia os sinais que ela usa e gostaria de expandir o vocabulário da forma que a criança puder acompanhar

Faço o mesmo procedimento, mas se a resposta for sim eu vou dando opções que possam ter acontecido, até entender o que ocorreu para poder ajudar.

Validar a forma de expressão da criança, sem forçá-la a se comunicar da maneira que é mais confortável para mim. Perceber quais estratégias comunicativas usa e se posso/devo usá-las também ou a linguagem verbal é suficiente para que ela mesma entenda o interlocutor.

Primeiramente iria tentar reconhecer quais são as formas que a criança se comunica e como ela reage de acordo com o que falo. Assim iria criar mecanismos para a criança se comunicar, como gravuras, telas interativas para adentrar a criança no convívio com o grupo.

Pergunto sobre a necessidade/pedido/comentário da criança, para confirmar.

Há uma percepção geral por parte das entrevistadas de que é essencial observar como a criança se comunica, seja por gestos, olhares ou outros sinais, e adaptar a comunicação do adulto a isso. Alguns relatos mencionam usar materiais como gravuras, telas ou aplicativos, enquanto outros focam no reforço verbal ("Ah, você quer água?"). Além disso, aparece a ideia de validar a forma como a criança já se expressa, sem forçá-la a usar apenas métodos que os adultos acham convenientes. Esses relatos demonstram um cuidado crescente em respeitar as individualidades das crianças e a maneira como elas interagem com o mundo. Mas é evidente que nem sempre as educadoras têm acesso a ferramentas ou formação para criar uma comunicação mais estruturada e eficaz. Isso pode fazer com que algumas crianças fiquem sem ser plenamente compreendidas.

Criança que não desenvolveu a fala em decorrência de ser uma criança com deficiência (CCD)

Cuidado e atenção para compreender o que a criança comunica. Observar se tem seus direitos garantidos

Formas adaptadas e inclusivas

Bom existem materiais de apoio para lidar com a situação.

Mesma coisa

Acho que da mesma maneira que a anterior.

Assim como na situação anterior, buscaria me adaptar às formas de comunicação daquela criança, aliando a linguagem verbal sempre que possível.

Há alguns anos existem alguns aplicativos para se comunicar, foram desenvolvidos para serem utilizados tanto em iPads, tablets quanto em lousas interativas. Então se a criança já utiliza desse suporte me encarregaria de aprender para poder utilizar enquanto me comunico com ela e também com alguns recursos visuais com imagens referentes a rotina, às sensações, à descrição de objetos, enfim, nas mais diversas situações possíveis.

Associo objetos e tarefas a gestos além de falar de forma simples e de fácil entendimento

Tento resolver com desenhos, gestos, mas sempre tento acolher e ofereço água

Estar atenta a possíveis estratégias não-verbais que a criança utilize, seja este uso intencional ou não. No caso de uma criança que quase nunca se comunica intencionalmente, acredito ser importante estimular a comunicação, fazer com que o aluno olhe para o outro e aprenda a se expressar para ele.

Iria procurar ver quais mecanismos a família utiliza e ver como a criança corresponde a algum estímulo, como escrita, pelo olhar, por sons.

Converso normalmente com a criança de acordo com o momento do dia (ex. comunico caso precise trocar fralda, quando é preciso lavar as mãos para lanche, ao se alimentar etc)

Alguns dos relatos mencionam não haver distinção na forma como reagiriam e lidariam com as crianças não-verbais, sejam elas com deficiência ou não. Isso gera uma certa preocupação. Por mais que aqui neste estudo eu não tenha feito, para fins acadêmicos, distinção diagnóstica em crianças não-verbais, é de extrema importância que as educadoras tenham o conhecimento de que existem diferenças cognitivas bem importantes entre as crianças com deficiência em relação às crianças típicas com atraso de fala e essas diferenças devem ser consideradas no trabalho efetivo com as crianças.

Para crianças com deficiência que não falam, é essencial uma atenção ainda mais cuidadosa em relação às suas formas de comunicação. Muitos relatos mencionam o uso de tecnologias assistivas, como aplicativos em tablets, pranchas de comunicação ou gestos, para ajudar essas crianças a se expressarem. Há também a valorização do olhar atento às tentativas de comunicação, mesmo quando elas não se manifestam de maneira convencional. Crianças com deficiência, especialmente aquelas que não verbalizam, têm formas alternativas de se expressar que precisam ser respeitadas e ampliadas. Porém, o sucesso dessas abordagens depende de um compromisso constante em observar, compreender e responder de maneira apropriada a essas formas de comunicação. Isso nos ensina que a verdadeira comunicação é muito mais ampla do que a fala, e que cada criança

merece ser compreendida de acordo com suas próprias necessidades e capacidades.

Para a última situação (CCD), você percebe se a escola/professor(a) tem um cuidado maior com a comunicação destas crianças?

Acredito que a maioria das escolas dedica mais atenção a crianças não verbais caso elas possuam diagnóstico.

Depende muito da escola, mas a maioria não

Sim tem que ter um cuidado maior

Não

Acredito que sim, principalmente se há profissionais mais engajados e pais mais atentos.

Depende muito de cada profissional.

Há dois anos eu convivo com crianças pcds que utilizam de outro suportes para se comunicar, como esses aplicativos em tablets e iPads, e eu vejo que boa parte dos professores não tem muito cuidado por falta de formação, por não entender a situação da criança e por achar que só falar mais alto com a criança vai facilitar a comunicação.

Na minha experiência não vejo cuidado praticamente nenhum em relação a isso. Eu como estagiária tento me comunicar com gestos e verbalmente de forma simples e clara

Depende da escola/ professor (a). Existem pessoas que sim, se preocupam de verdade com os alunos e querem que os mesmos se desenvolvam.

Porém, já trabalhei com crianças de inclusão em uma escola particular, e mesmo ficando a tarde toda com a criança e notando algumas coisas, os responsáveis pelo AEE não eram muito acolhedores e muitas vezes diziam que a criança estava fazendo "manha".

Na escola onde trabalho, sim, pois nela há um trabalho de inclusão muito forte e os profissionais são orientados e estimulados a buscar se comunicar de formas diversas com os alunos, atentando-se às tentativas de comunicação por parte deles, compreendendo que, ao se tratar de alunos CCD, nem sempre essas trocas ocorrerão da forma mais usual. Nas escolas de forma geral, acredito que ainda há um buraco muito grande na formação dos profissionais de educação no que tange à inclusão; não se trata apenas de ter ou não cuidado, mas de não compreender a heterogeneidade das formas de se comunicar e de como conseguir conversar de maneira efetiva com alguém que não-verbaliza ou verbaliza pouco.

Acredito que não, infelizmente as crianças acabam sendo deixadas de lado e os professores não têm interesse em compreender e fazer com que a criança seja escutada e acolhida da sua maneira.

Na escola que trabalho a inclusão é bem desenvolvida, de forma que a depender da necessidade, os alunos com deficiência possuem monitor específico, e os monitores têm acompanhamento da coordenação e do AEE para ajudar a conduzir as atividades

A percepção sobre o cuidado das escolas com crianças que não verbalizam, ou que têm formas alternativas de comunicação, varia bastante. Enquanto algumas entrevistadas relatam uma abordagem cuidadosa e inclusiva, com escolas mais preparadas e com foco na formação de professores e uso de recursos tecnológicos, outras destacam uma realidade de falta de atenção e preparo. Há menções a escolas que, mesmo com boas intenções, não conseguem oferecer o suporte necessário por falta de treinamento adequado dos educadores. Muitas vezes, as crianças PCD acabam sendo tratadas como "diferentes" de uma forma isolada, sem a verdadeira inclusão que a escola deveria proporcionar.

A diversidade de experiências reflete a desigualdade na formação e na estrutura das escolas. Em algumas, a inclusão e o cuidado com as crianças que não verbalizam ou que têm deficiência são princípios fundamentais, mas em outras, essas crianças podem ser negligenciadas ou mal compreendidas. O fato de muitas escolas não possuírem estratégias de comunicação adaptadas ou tecnologias assistivas demonstra que, muitas vezes, a falta de investimento e a formação deficiente dificultam a inclusão plena.

5 DISCUSSÃO

A comunicação não-verbal é vista como uma exceção, algo a se considerar somente em casos muito específicos, geralmente associados às crianças pertencentes ao público alvo da educação especial. Porém, podemos considerar a partir do questionário e dos referenciais teóricos que a realidade é outra. A comunicação não-verbal faz parte da Educação Infantil desde que a mesma existe. Não é um exagero considerar que as crianças pequenas se comunicam muito mais por outros meios que não a fala (CORRAZE, 1982). A comunicação não-verbal por crianças da Educação Infantil não é uma exceção, ela faz parte do cotidiano escolar. Então porque ainda é tão difícil compreender as diversas formas de comunicação das crianças?

Poucos cursos de formação de professores dedicam carga horária suficiente para disciplinas que discutam sobre como não as professoras podem lidar com essa questão. No curso de pedagogia da UFRGS não existem disciplinas do percurso de Educação Infantil voltadas às comunicações das crianças. O máximo que é trabalhado no curso é o “Desenvolvimento esperado da linguagem” que nada mais é do que um guia informando o que a criança tem que saber falar de acordo com sua idade. Eu considero esse guia muito importante para as professoras identificarem os sinais de alerta e seria incrível se juntamente ao guia fossem trabalhadas as diferentes linguagens das crianças, porém, junto ao guia, somente recebemos a recomendação de solicitar atendimento com fonoaudiólogo. Eu realmente considero o acompanhamento com fonoaudiólogo de extrema importância, mas a crítica aqui é voltada para o processo. Não recebemos, na formação de professores/as, nenhum tipo de recomendação de como conseguir se comunicar com essas crianças enquanto fonoaudiólogos/as fazem seus trabalhos e a maior lacuna da formação de professores/as sobre as comunicações é essa, nada nos prepara para lidar com as crianças que não usam a fala como principal forma de se comunicar, apenas somos instruídos/as a tentar “resolver o problema da criança”.

Além das crianças típicas que enfrentam dificuldades para conseguir se comunicar de forma plena com o uso da fala, temos na Educação Infantil cada vez mais a presença de crianças público-alvo da educação especial que devido às suas

individualidades, acabam apresentando como característica comum o atraso de fala. Para essas crianças é ainda mais difícil conseguir se comunicar por meio de formas alternativas, pois por vezes enfrentam dificuldades cognitivas em concomitância ao atraso de fala. Nesse sentido, é muito importante que haja dentro do curso de formação de professores/as um currículo que contemple os diferentes tipos de linguagem, principalmente voltado para a Educação Infantil e à educação inclusiva.

Podemos perceber que mesmo sem a formação adequada, diversas professoras relatam que conseguem estabelecer algumas formas de se comunicar com as crianças, principalmente por meio da escuta atenta – não necessariamente de palavras, mas sim com intenção de comunicar – e por meio da criação de vínculos com essas crianças. Foi o que aconteceu comigo e as duas crianças não-verbais que mencionei na introdução deste estudo, a Margarida e o Girassol.

A seguir, relatarei um pouco quais foram algumas das consequências de uma comunicação mais efetiva no cotidiano escolar de Margarida.

Ao final do ano, Margarida já estava muito mais incluída na rotina em sala de aula e com seus pares, conseguindo organizar a rotina de forma plena quando tornava-se ajudante do dia, conseguindo bolar uma estratégia mais "permanente" para pedir pra ir trocar a fralda e usar o banheiro, conseguindo lanchar de forma mais autônoma, fazer corretamente os gestos da "coreografia" das músicas da aula de inglês, além de desenvolver **personalidade**, deixando bem claro se gosta de algo ou não, ficando irritada quando as pessoas demoram para atender seus chamados, parando e sentando no chão quando é mal interpretada (pra dizer que não era isso que ela queria), desenvolvendo múltiplos interesses que anteriormente não existiam (pela oferta de possibilidades devido à melhor comunicação), desenvolvendo interesse pelos seus pares, pegando seus amigos pela mão pra convidar pra brincar, dando risada pra demonstrar interesse pelos mesmos, empurrando quando algum colega passa do limite (ela ainda é vista como um "bebê" pela turma, pelo fato de ainda não falar e por ter algumas limitações cognitivas derivadas da Síndrome de Down, então algumas crianças mexem nela (dando abraços, pegando no colo e afins) sem pedir licença como se ela não tivesse "vontades"; isso foi bem trabalhado com a turma). Devido aos avanços dela, os colegas passaram a ter muito mais interesse de brincar com a mesma, sempre procurando a minha mediação para

interpretar "prof, a Margarida pegou a minha mão, o que ela quer?" ou "fulaninho, a Margarida não está gostando do que você está fazendo" "olha prof, a Margarida ta apontando pra minha tiara, acho que ela quer emprestada". O que eu acho mais engraçado é que até hoje a Margarida usa o "bater palmas" para confirmar suas intenções. Pensar que esse avanço todo aconteceu em tão pouco tempo me emociona muito, pois era muito triste de se ver a Margarida isolada em um canto somente jogando brinquedos pela sala na tentativa de ser vista, e agora conseguindo por si mesma interagir tanto com as docentes quanto com seus pares, necessitando cada vez menos de "traduções".

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral identificar quais são as percepções docentes acerca da linguagem corporal das crianças não-verbais na Educação Infantil e como objetivo específico compreender a experiência das estudantes de pedagogia da UFRGS na Educação Infantil, em especial com crianças não-verbais e constatar se existe diferença positiva ou negativa na interação da criança conforme entendimento da professora para com sua linguagem. Os objetivos foram contemplados, com exceção o de constatar se existe diferença na interação da criança, pois esse objetivo foi pensado para ser contemplado através da entrevista semiestruturada que seria feita após aplicação do questionário, que acabou não acontecendo por conta das enchentes.

A partir deste estudo podemos constatar a extrema necessidade de ofertas de formação sobre a temática, visto que é imprescindível que na Educação Infantil as professoras compreendam seus/suas estudantes a fim de garantir que seus direitos sejam respeitados. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) citam os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil, são eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Infelizmente, as crianças não-verbais acabam tendo praticamente todos esses direitos negligenciados, ainda mais se for uma criança “quietinha”, pois é impossível que sem uma mediação eficiente por parte docente essas crianças consigam de fato exercer esses direitos que são base para o desenvolvimento infantil.

É importante também que sejam incentivados mais trabalhos acadêmicos sobre o assunto, já que para realizar a escrita deste trabalho foi bem difícil encontrar artigos/revistas ou estudos de modo geral que abordam a comunicação não-verbal na educação infantil sem estar diretamente relacionado ao Transtorno do Espectro Autista.

É oportuno, ainda, constatar que as professoras entrevistadas e tantas outras que atuam nas escolas de Educação Infantil demonstram o desejo de querer ajudar as crianças não-verbais; por outro lado, é perceptível que existem lacunas formativas importantes que precisam ser discutidas uma vez que nem sempre a

forma de atender às demandas comunicativas destas crianças tem sido a mais adequada.

Girassóis e Margaridas estão espalhados/as por muitas escolas e nossa ação docente precisa ser efetiva e afetuosa com eles/as por meio da ampliação das compreensões sobre o que seja “se comunicar”: observando e possibilitando que as corporeidades, as gestualidades e todos os “modos de dizer” sejam corretamente lidos por quem educa, por quem cuida.

7 REFERÊNCIAS

ANA, W. P. S.; LEMOS, G. C. Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**. Mossoró, v. 4, n. 12, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CORRAZE, Jacques. **As comunicações não-verbais**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS editora, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GRANETTO, Dinara; PICKODT, Maria Cristina. A linguagem enquanto constituição possível. In: SILVA, Karla Fernanda Wunder da; BINS, Katiusha Lara Genro; CRUZ, Patrícia Machado. **Transtorno do Espectro Autista**. Maringá, PR: Viseu, 2022. p. 99-120.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo, SP: Atlas, 2009. v. 2. ISBN 9788522455683.

MELO, Waisenhowerk Vieira de; BIANCHI, Cristina dos Santos. **Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa**. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia (R. B. E. C. T.)*, v. 8, n. 3, p. 43-59, maio/ago. 2015. ISSN 1982-873X.

MESQUITA, R. M. **Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional**. *Revista Paulista de Educação Física*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 155-163, 1997. DOI:

10.11606/issn.2594-5904.rpef.1997.138567. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/138567>. Acesso em: 17 dez. 2023.

PEDROSO, Fleming Salvador; ROTTA, Newra Tellechea. Transtornos da linguagem.
In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos.
Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.
Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 131-150.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.